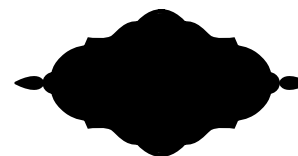


Annemarie
Schwarzenbach

MORTE NA PÉRSIA



Tradução de
Isabel Castro Silva

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVIII

ÍNDICE

ESTA TRADUÇÃO TEVE O APOIO DE:
schweizer kulturstiftung

prshelvetia

© 2008, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Têls: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

© 1995, Lenos Verlag, Basileia

Título original: *Töd in Persien*.
Autora: Annemarie Schwarzenbach
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Tradução: Isabel Castro Silva
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Junho de 2008

ISBN 978-972-8955-65-6
Depósito Legal n.º 277954/08

PREFÁCIO	7
PRIMEIRA PARTE	II
Nota prévia	13
Em Teerão	17
Subida ao Vale Feliz	23
As tendas brancas do nosso acampamento	27
Recordação de Moscovo	31
O fim do mundo...	37
... E uma pessoa no fim das suas forças	43
O anjo (para Cathalene Crane)	47
Recordação: Persépolis	55
As noites em Rages ou o princípio do medo	69

Três vezes na Pérsia...	77
O princípio do silêncio	85

SEGUNDA PARTE

TENTATIVA DE AMAR	89
Acusação	91
Ialé	95
Conversa sobre a felicidade	99
Vão agarrar-nos pelo braço	103
Uma festa no jardim	107
Uísque, febre	
e o canto dos trabalhadores	113
Luta contra o medo	117
A despedida	121
O anjo e a morte de Ialé	
(para Cathalene Crane)	127
... Pouco tempo	135
NOTA BIOGRÁFICA	143

PREFÁCIO

ANNEMARIE SCHWARZENBACH foi, durante meio século, um dos segredos mais bem guardados da literatura europeia. Não que lhe tenham faltado os encómios e a atenção de escritores ilustres. Roger Martin du Gard referiu-se ao seu «belo rosto de anjo inconsolável»; Thomas Mann (cujos filhos foram, a certa altura, os amigos mais chegados de Annemarie) descreveu-a como um «anjo devastado»; Carson McCullers, que lhe dedicou o romance *Reflexos nuns Olhos de Oiro*, confessou: «Assim que a vi soube que o seu rosto me perseguiria para toda a vida.»

É verdade que lhe é mais salientada a imagem perturbante, de uma beleza andrógina e icónica, do que a força literária. Nem poderia ser de outro modo, provavelmente. A obra de Annemarie Schwarzenbach — nascida em Zurique, em 1908 — é, em grande medida, tragicamente póstuma.

Só no final dos anos oitenta do século xx se iniciou o processo de redescoberta de uma figura que encarna, de forma ímpar, um certo mal-estar europeu. Foi esse mal-estar

que tornou Annemarie Schwarzenbach uma viajante incansável. Portugal seria um dos seus pontos de passagem e era o destino que tinha escolhido para se fixar, como repórter, em plena Segunda Guerra Mundial, na altura em que uma queda de bicicleta a vitimou, aos 34 anos.

Seria, no entanto, o Médio Oriente o cenário que ela haveria de eleger como território privilegiado para uma deambulação angustiada, em busca de qualquer coisa que não saberá nunca definir com exactidão. A dependência da morfina e uma identidade sexual em confronto com o seu tempo e com as normas sociais vigentes na alta sociedade suíça, onde nasceu, talvez ajudem a compreender o grito de permanente aflição que — recorrendo ao subterfúgio da segunda pessoa do singular para falar de si própria — a leva a exclamar, neste livro: «quando começaste a respirar, não foi ar que inspiraste, mas solidão».

Morte na Pérsia, livro escrito na primeira metade dos anos 30 mas que se manteria inédito até 1995, é um relato de viagens como nenhum outro. Annemarie parte para tentar escapar à ascensão alarmante do nazismo na Europa mas também à família, à infelicidade amorosa e à sua própria depressão. Empreende assim uma viagem (como acontecerá nas que há-de fazer ao Afeganistão, por exemplo) em que se depara com a impossibilidade radical de fugir de si mesma. É isso que a levará a escrever: «Atrás de mim, na parede que deixava ouvir tudo, o medo escondia-se numa brecha escura.» As paisagens persas adquirem as tonalidades da melancolia e da angústia da escritora, numa associação entre

o sujeito e o mundo que o rodeia que talvez só tenha paralelo nos versos célebres de Verlaine (*Il pleure dans mon coeur / Comme il pleut sur la ville*), encontrando na chuva sobre a cidade o eco do seu próprio choro. É esta viagem, simultaneamente por estrada e pelos atalhos mais recônditos da alma humana, que faz de *Morte na Pérsia* um livro comovente.

CARLOS VAZ MARQUES

razoáveis. Se por vezes somos felizes sem motivo, nunca podemos ser infelizes da mesma maneira. E, numa época severa como é a nossa, espera-se que cada um escolha o inimigo certo e um destino à medida das suas forças.

O herói deste pequeno livro, porém, está tão longe de ser um herói que não sabe sequer nomear o seu inimigo, e é tão fraco que desiste da luta aparentemente ainda antes de a sua derrota sem glória ter sido decidida.

Mas não é isso o mais grave. O leitor perdoará ainda menos que em nenhuma página se diga claramente por que razão alguém se deixa levar até à Pérsia, um país distante e exótico, apenas para aí sofrer investidas sem nome. Fala-se antes e sobretudo de desvios, de escapatórias, de falsos caminhos. E quem hoje vive num país europeu sabe como muitos não resistem à tensão atroz — uma tensão que se estende do conflito pessoal entre a necessidade de repouso e a capacidade de decisão, que se estende da necessidade material mais simples e inadiável às questões mais gerais e no entanto prementes da política, do futuro económico, social e cultural — uma tensão a que ninguém escapa ileso. E se, não obstante, a juventude tenta escapar ileso, por conscienciosa que seja no modo como interpreta a sua fuga, ainda assim traz na testa a marca de Caim, a marca de quem traiu o irmão.

É um pouco esse o caso da rapariga que escreveu estas notas. Quando tinha já o manuscrito acabado na mão, percebi que teria de construir uma história dos seus antecedentes que fosse clara e acessível a todos. Só assim poderia

satisfazer o leitor e oferecer ao editor um livro com préstimo. Mas isso eu não podia fazer sem falsear a verdade, seria uma concessão ilegítima às nossas necessidades espirituais e morais.

Porque a desesperança, a terrível nulidade da revolta aqui descrita, já nada tem em comum com a marca de Caim, com o movimento de fuga que se poderia encontrar no início. Não, aqui os nossos critérios e as nossas explicações não valem nada, aqui temos apenas alguém que chegou ao fim das suas forças...

É ténue a fronteira que separa o desumano do sobre-humano, e a grandeza desesperada da Ásia é sobre-humana: «Nem sequer hostil, apenas demasiado grande.» Na Ásia, que importância tem a morte de alguém? E, no entanto, não conhecemos grito mais desamparado do que este: «*Uma pessoa morre!*» Não, nenhum falseamento poderá libertar-me do meu fardo e aliviar o leitor. O perigo não é compreensível, o medo não tem nome — é isso que o torna tenebroso. E há caminhos tão terríveis que deles já não podemos voltar.

Se assim não fosse, porquê morrer?

A morte não é para nós natural, deixa-nos perplexos. Mas os asiáticos incluíram-na nas suas religiões como o nada, o verdadeiro ser, a verdadeira força. Aguardam a morte sem ansiedade — já a nossa vida não é concebível sem esta ansiedade, que é o seu verdadeiro elemento. Arrancados à nossa esfera, arrancados às nossas formas familiares de consolo (um rosto que respira, um coração que bate, os cambiantes de uma paisagem amena), temos por fim de nos abandonar

aos ventos fortes da montanha, que rasgam e deixam em farrapos as nossas últimas esperanças. Para onde nos voltaremos? À nossa volta, aridez apenas, cordilheiras cinzentas de basalto, desertos amarelos cor de lepra, vales lunares sem vida, ribeiros de greda e rios de prata, onde bóiam peixes mortos. Para onde? Ah, a perplexidade, asas cortadas da alma! Na Ásia, não temos sequer consciência da sucessão dos dias e das noites, mesmo que o dia seja luminoso e sem sombra, mesmo que a noite seja alumiada por estrelas frias.

Por vezes podemos agarrar-nos ainda à dor, à amargura da saudade e do arrependimento, mas nesse caso já não vemos a nossa própria culpa, pensamos em vão no *princípio* («O que foi que me conduziu até aqui?»). Poder acusar mais uma vez, poder confiar mais uma vez, poder *amar* mais uma vez! Caímos então na ilusão, grande como o mar, temos fé e rezamos, e quando olhamos para o rosto amado, esquecemos o medo escuro. Mas como podemos nós proteger-nos do medo?

Ah, despertar mais uma vez sem sentir as suas garras, por uma vez não ficar só e entregue ao medo! Sentir a respiração feliz do mundo!

Ah, viver mais uma vez!

EM TEERÃO

EM TEERÃO, o calor era tão intenso que parecia estar de choco nos muros e nos fornos redondos, de onde saía ao cair do dia para encher as vielas estreitas e as avenidas novas, largas e sem sombra, não deixando que uma brisa vinda de fora trouxesse a aragem da noite. Os jardins no bairro de Shemiran eram mais frescos. Mal saíamos de lá, éramos quase tomados de assalto por uma luz branca e trémula, a parede rochosa do Tauchal erguia-se cinzento-clara e translúcida, pois diante dela estendia-se o calor como um véu, encoberto estava também o céu demasiado branco, e uma neblina branca envolvia a planície. Um mês antes era ainda verde-clara, amarela e castanha, as cores dos prados, das searas e dos campos arados. Agora era um deserto árido, e para lá de Teerão, onde ficam as ruínas da antiga cidade de Rages, adivinhavam-se apenas as ondas revoltas de um mar de poeira. Ali, na estrada para Qom, continuavam a passar, a toque de guizos, as caravanas de camelos...

Qom é uma cidade sagrada. Partindo de Teerão rumo a Ispaão, podemos ver da estrada a sua mesquita dourada,

NOTA BIOGRÁFICA

ANNEMARIE SCHWARZENBACH nasceu em Zurique, em 1908, numa família próspera e aristocrática. Cresceu numa propriedade rural, regularmente visitada pela elite cultural da época. Estudou História na Sorbonne. Viveu em Berlim, onde se envolveu com o mundo artístico da literatura, do cinema e da música. Foi nesta cidade que encontrou espaço para exprimir a sua identidade homossexual. Activamente empenhada contra o nazismo, concebeu uma revista antifascista, dirigida por Klaus Mann, para a qual contribuíram alguns dos mais brilhantes pensadores e escritores da época: Hemingway, Einstein, Brecht, Cocteau.

Foi depois deste período que Schwarzenbach se lançou às grandes viagens de muitos meses, nomeadamente ao Médio Oriente, em expedições arqueológicas: Turquia, Damasco, Jerusalém, Bagdade, Teerão. Em 1935, após uma desintoxicação de morfina e uma tentativa de suicídio, casou-se com um diplomata francês. Entre 1936 e 1937 viajou pelos Estados Unidos, país ainda imerso na Grande Depressão, onde fez várias reportagens fotográficas. Travou conhecimento com Carson McCullers, que lhe dedicaria um romance. Regressou mais tarde ao Oriente: Afeganistão, Índia. Passou por Lisboa, onde conheceu António Ferro.

Publicou diversos livros e artigos, sempre na iminência de escrever a sua grande obra. Fez uma última viagem ao Congo belga, antes de morrer tragicamente, com 34 anos, em consequência de uma queda de bicicleta.